

# INICIATIVAS PARTICIPATIVAS EM DESIGN COM POVOS INDÍGENAS: análise de pesquisas nacionais voltadas a projetos colaborativos de arte e artesanato indígenas (2000-2024)

*PARTICIPATORY INITIATIVES IN DESIGN WITH INDIGENOUS PEOPLES: analysis of national research aimed at collaborative designs of indigenous art and crafts (2000-2024)*

COSTA, Livia. Doutoranda em design. Programa de Pós Graduação em Artes Visuais/UFBA.  
livia.weyl@gmail.com

## Resumo

As políticas indigenistas brasileiras retiraram dos povos originários sua capacidade de viver de forma independente, impondo necessidades do mundo ocidental capitalista (Tommasino, 1995). Nesse contexto, a arte e o artesanato se consolidaram como formas de subsistência e mecanismo mantenedor de identidades das comunidades onde estão inseridos (Keller, 2014). Entende-se que o design, em especial as iniciativas participativas, pode contribuir para a valorização dessas produções. Objetivando entender como tem acontecido essas contribuições utilizou-se a Revisão Sistemática de Literatura (Sampaio e Mancini, 2007). A plataforma de busca escolhida foi o Google Scholar e o período definido foram os últimos 5 anos. Conclui-se que, completamente contrário a ideia do(a) salvador(a), trabalhar com povos indígenas e outras comunidades tradicionais quer dizer aprendizado, é descobrir histórias de força, criatividade, resistência e muita inteligência que mantiveram pessoas vivas mesmo em meio a tamanha opressão.

**Palavras Chave:** Povos Indígenas; Iniciativas participativas; Design Social.

## Abstract

*Brazilian indigenous policies took away from the original people their ability to live independently, imposing the needs of the western capitalist world (Tommasino, 1995). In this context, art and crafts have been consolidated as forms of subsistence and a mechanism that maintains the identities of the communities in which they are located (Keller, 2014). It is understood that design, especially participatory initiatives, can contribute to the appreciation of these productions. In order to understand how these contributions have occurred, the Systematic Literature Review (Sampaio and Mancini, 2007) was used. The search platform chosen was Google Scholar and the defined period was the last 5 years. It is concluded that, completely contrary to the savior's idea, working with indigenous people and other traditional communities means learning, discovering stories of strength, creativity, resistance and a lot of intelligence that kept people alive even in the midst of such oppression.*

**Keywords:** Indigenous people; Participatory initiatives; Social Design.

## 1 Introdução

O Design surge no contexto da revolução industrial, ligado à necessidade de organizar a produção oriunda do sistema de fábricas em consolidação no território europeu e estadunidense entre os séculos XVIII e XIX. Guiado pela ideia de progresso, o propósito inicial dos projetos era criar artefatos mais atraentes e eficazes, ou seja, que proporcionassem mais lucro em menor tempo. Nesse período, algumas ideias a respeito de um ideal de “bom design” foram se estruturando, dentre elas, um especial apreço pela falta de ornamentos - considerados inimigos da funcionalidade - e a crença em “designs universais”, estes seriam capazes de atender a todos os seres humanos e estariam intrinsecamente conectados ao movimento linear e constante do progresso (Cardoso, 2012).

No decorrer dos anos, porém, através de estudos<sup>1</sup> que passaram a questionar a visão linear e também os motivos do que se compreendia por avanço tecnológico e científico, entendeu-se que o design, assim como a ciência e a tecnologia, não era neutro, pois se baseava numa série de relações de poder e controle. Concluiu-se a partir desse momento que os produtos do design eram resultados de interações sociais, que afetam a sociedade de acordo com as crenças e as ideologias sob as quais são projetados. Viu-se necessário então refletir para quem o design considerado “bom” e “universal” era direcionado e quais tipos de impacto ele estava gerando (Gaudio, 2014).

Sobre a preocupação com a influência do design na sociedade Chiara (2014) destaca o Symposium Design for Need, em Londres em 1976, no qual pela primeira vez as aplicações sociais<sup>2</sup> do design foram discutidas, não somente em nível filosófico mas também enquanto prática, através da apresentação de projetos, possibilidades de contribuição, organizações, financiamento e propostas futuras.

Ainda sobre o tema, Escobar (2018) menciona os estudos de Tony Fry<sup>3</sup>, e apresenta o termo “Design de eliminação”, no qual a ideia de progresso e as práticas de design desconectadas da realidade apagaram ou descartaram práticas projetuais vernaculares e de comunidades tradicionais. Rapidamente, inúmeros saberes foram deslegitimados e considerados “subdesenvolvidos”, enxergar as práticas de designers e os resultados de seus projetos como produtos neutros implica em ignorar a diversidade dos povos, ou seja, a homogeneização das formas de projetar contribui para práticas de epistemicídio e silenciamento.

As práticas participativas, exploratórias e interdisciplinares surgem nesse contexto como um caminho para tentar verdadeiramente ouvir as demandas das pessoas para quem se está projetando (Paes e Zoy, 2016), almeja-se um espaço de criação em conjunto, compreendendo que o verdadeiro “bom design” não é feito sozinho (Cardoso, 2012) e que todos praticam design, ou seja, todos projetam. Essa última afirmação, levantada por pensadores como Noronha (2023) e Manzini (2017), age no sentido de valorizar os saberes pré-existentes nos locais onde o designer irá atuar, permitindo que a troca entre os agentes envolvidos aconteça nos dois sentidos. Sobre essas outras possibilidades de abordagem, considera-se:

O design podia ajudar as pessoas a produzir para si mesmas através de sua própria tecnologia e de seus próprios materiais. Era importante projetar em conjunto com as pessoas, aprender com o conhecimento possuído por elas, estimular e descobrir a

<sup>1</sup> Destaca-se aqui os estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade, ver Lisigen et Al. Introdução aos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), 2005, para aprofundamento.

<sup>2</sup> Um grande representante desse momento de reflexões foi Victor Papanek, com o livro intitulado “Design para o mundo real” de 1971.

<sup>3</sup> Fry, Tony. Design as Politics. London: Berg. 2011.

capacidade de Design do contexto e, mais em geral, promover a criatividade e o desenvolvimento local. Ao mesmo tempo, havia a compreensão de que o problema era grande e não seria o caso de redesenhar apenas os produtos, mas os sistemas e as instituições. (GAUDIO, p. 39, 2014)

A autora reforça a necessidade de redesenhar também os sistemas e as instituições, essa afirmação permite refletir que uma prática de design que age em conjunto com as pessoas pensa de maneira holística no contexto que está inserida e na complexidade da dinâmica de poder entre designer e comunidade, mais importante ainda, em formas de desconstruí-la, horizontalizando as relações.

Como retirar-se do pedestal do mundo acadêmico, que por vezes diz muito pouco sobre a vida real, e colocar-se em posição de também aprendiz? Como projetar entendendo que existem vários saberes, e que é importante criar diálogos não hierarquizados entre eles? Um ponto importante das práticas participativas é que não há resposta pronta, são experiências que acontecem de acordo com a demanda de cada local e a experiência dos agentes envolvidos.

Tudo que foi apresentado até aqui é de extrema importância ao pensar em trabalhar com povos indígenas, as políticas indigenistas aplicadas pelo governo brasileiro ao longo dos anos, em especial a partir de 1900, foram voltadas à sedentarização desses povos. Ao expropriar suas terras para fins de colonização - por exemplo, o avanço do agronegócio - seus vastos territórios foram diminuídos e seus ecossistemas originais foram desaparecendo, obrigando-os a largar suas atividades de caça e coleta e se submeter a modelos agropastoris implementados nas aldeias. Foi retirada dos indígenas sua capacidade de viver de forma independente, inserindo necessidades do mundo ocidental capitalista a povos com outras cosmovisões (Tommasino, 1995).

Em 1967 com a substituição do antigo SPI (Serviço de Proteção aos Índios) pelo órgão em atividade até os dias atuais a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) foram intensificadas políticas que teoricamente visavam promover uma auto-suficiência dos povos indígenas, entretanto, tais atividades não foram realizadas levando em consideração um resgate da cultura e de suas terras, fatores que genuinamente poderiam proporcionar autonomia.

Silva (2018) ressalta que esse plano de desenvolvimento deixou os indígenas diante de duas alternativas: a primeira, manter-se em uma luta secular pelo direito à terra, na qual é somente permitida a prática de uma economia de subsistência complementada pela venda de artesanato em centros urbanos. A segunda, vender sua mão de obra no campo, submetendo-se a lógicas de superexploração do trabalho e endividamento, considerados pelo autor como sinônimos de escravidão contemporânea.

Atendo-se à primeira alternativa, conclui-se que o artesanato possui grande valor enquanto fonte de renda para os indígenas, mas não apenas, a produção artesanal é importante também a nível social e cultural, funcionando como forma de subsistência e mecanismo mantenedor de identidades das comunidades onde estão inseridos (Keller, 2014). Composto por peças como balaios, adornos, chocalhos e cerâmicas, o artesanato indígena carrega, além dos elementos plásticos representativos da estética dos povos, outros sentidos que representam o caráter anímico das cosmologias indígenas, isso implica dizer que as plantas e os objetos também são dotados de subjetividade tal qual os humanos (Jaenisch, 2011). Sobre a amplitude de representações contidas nas produções indígenas, destaca-se o conceito de objetos-sujeitos<sup>4</sup>:

---

<sup>4</sup> O conceito se apoia nos escritos da antropologia da arte, com foco especial nos estudos realizados por Marcel Mauss (1998) que traz a concepção de: "objetos não enquanto seres inertes, mas portadores de alma e poder de fazer os

O termo é sugerido na tentativa de superar as limitações impostas pelas categorias antropológicas ao se abordar a relação entre as pessoas e o que denominamos de arte, cultura material ou artesanato indígena. A referência a objetos de arte, artefatos, adornos recorrentemente utilizados mostra-se restrita aos sentidos que estes adquirem nas cosmologias ameríndias. Tal como apontado acima e explicitado ao longo do texto, mais que objetos inertes, a arte produzida por estes grupos traz consigo potência dos seres a partir dos quais foi produzida e que são providos de espírito, de qualidades subjetivas. (JAENISCH, 2011, p. 44)

A partir do que foi apresentado, é possível compreender a complexidade ao tentar conceituar as produções de artefatos indígenas no mundo ocidental. A arte e o artesanato indígena representam uma longa rede de significações e relações, onde o que mais importa para os povos originários não é a materialidade do objeto, mas a história que perpassa sua confecção e seu uso. Ao se inserir, porém, na lógica capitalista do mundo ocidental esse artefato é submetido a outro sistema de definição de valor, situação que vem acarretando perdas a níveis plásticos e simbólicos, por vezes irreparáveis.

Nesse sentido, designers podem atuar junto a comunidades indígenas para reforçar o caráter identitário dessas produções, revivendo histórias, saberes e contribuindo para a valorização e geração de renda. O objetivo deste artigo é, portanto, conhecer a produção bibliográfica nacional no decorrer dos últimos cinco anos, que tenha sido realizada por designers em colaboração com pessoas indígenas, com intuito de valorizar ou contribuir com a produção artesanal/artística do segundo grupo.

## 2 Metodologia

Foi utilizado o método de construção de Revisão Sistemática de Literatura (RSL) de Sampaio e Mancini (2007), que consiste em uma investigação dos dados disponíveis na literatura produzida sobre o tema. A partir da definição de uma série de critérios, busca-se compreender o conhecimento científico produzido sobre certo tema, entendendo a forma como os trabalhos produzidos dialogam ou discordam entre si e quais desdobramentos podem ser apontados para produção de pesquisas futuras.

No desenho desta pesquisa a plataforma de busca escolhida foi o Google Scholar devido a abrangência dos resultados apresentados. O período de busca definido foram os últimos 5 anos, focando nas buscas mais recentes sobre o tema. A opção de língua foi o português e os tipos de produção foram artigos científicos, dissertações e teses.

Para seguir construindo a RSL é necessário estabelecer termos de busca, também conhecidos como *strings*, eles informam a plataforma de pesquisa o que exatamente se deseja encontrar, é importante também definir o chamado Operador Booleano, palavras que indicam ao sistema de busca como os termos de pesquisa devem se relacionar, “e” implica resultados que constam todos os termos de busca, “ou” aponta para resultados em que ao menos um dos termos aparece. Neste caso, os termos estipulados foram: “Design Social” e “Arte” e “indígenas”; “CoDesign” e “Arte” e “indígenas”; “Design Colaborativo” e “Arte” e “Indígenas”; “Design Participativo” e “artes Indígenas”; “Design Social” e “Artesanato” e “indígenas”; “CoDesign” e “Artesanato” e “indígenas”; “Design Colaborativo” e “Artesanato” e “Indígenas”; “Design Participativo” e “artesanato” e “Indígenas”;

---

outros agirem” e Alfred Gell (1998) com o conceito de agência, que se refere ao caráter intencional dos objetos de arte em suas redes de relação.

O motivo para a escolha desses termos veio após contato inicial com a literatura sobre o tema. Como mencionado anteriormente, a ideia de “design social”, prática de design responsável que reflete sobre o tipo de impacto que causa na sociedade, se consolida na década de 70 e abrange inúmeras práticas, várias delas de caráter participativo, já que pensar verdadeiramente para atender necessidades das pessoas sem essas pessoas é uma afirmação sem sentido.

Dentro desses tipos de práticas participativas existem variações conceituais, por isso a escolha dos termos, Design participativo, Design Colaborativo e Co Design. Conceituando brevemente, o design participativo surge em países escandinavos durante a década de 70, o contexto foram as lutas sindicais e a automação das fábricas, trabalhadores lutaram pelo direito de co-determinar as tecnologias que iriam afetar diretamente suas realidades. Essa abordagem objetiva unir os conhecimentos do designer e das pessoas afetadas pelo projeto, não apenas recolhendo informações destas, mas também capacitando-as para serem agentes transformadores no processo. O Design Colaborativo e o Co Design são termos também utilizados para exprimir situações de criação em conjunto, o designer age como catalisador e experimentos criativos acontecem em conjunto entre os atores envolvidos no projeto (Paes e Zoy, 2016).

O termo “Etnodesign” foi considerado, porém, após pesquisa inicial notou-se que ele é mais utilizado em situações nas quais as produções indígenas são usadas como mote inicial para a produção de designers, é uma forma de popularizar a cultura dos povos tradicionais, porém, no caso desta pesquisa o intuito foi considerar o ser indígena no processo projetual junto com designers. Julgou-se também, que resultados que fugissem à essa primeira percepção e tratassem sobre etnodesign e processos colaborativos estariam contidos nos strings definidos de busca, o mesmo se aplica ao termos “design centrado no humano”, atividades que também consideram a experiência de para quem se projeta e “design antropologia”, formação conceitual mais recente que busca uma prática interdisciplinar entre design e antropologia.

Quanto a escolha de usar tanto “arte indígena” quanto “artesanato indígena” como *strings* se baseia na problemática conceitual mencionada anteriormente. Entende-se que utilizar o termo artesanato ao fazer referência às produções indígenas é uma maneira inferiorizante e simplista de se referir a tamanha complexidade de relações e compreensões de mundo presentes nesses artefatos, porém, é um conceito bastante utilizado ao realizar pesquisas sobre o tema e por isso não pode ser ignorado. O intuito de agregar o conceito arte e utilizá-lo no título do trabalho condiz com o movimento de inúmeros artistas indígenas nos últimos anos, como Jaider Esbell, Naine Terena e Daiara Tukano, semeadores de uma arte indígena contemporânea<sup>5</sup>, produções que atraem os olhares ocidentais para a luta secular indígena pelo direito à existência e para provar sua importância na construção do que se compreende hoje como Brasil.

### 3 Resultados

Após a aplicação dos strings de busca chegou-se a uma série de resultados, leu-se os títulos e caso houvesse conexão com os objetivos de pesquisa foram lidos os resumos, os resultados obtidos nesse processo inicial constam no quadro 1.

---

<sup>5</sup> Termo cunhado pelo artista indígena Makuxi Jaider Esbell.

Quadro 1 - Resultado inicial das pesquisas encontradas

<b>"design social" "arte" "indígenas"</b> <i>(103 totais; 3 correspondentes ao objetivo da pesquisa)</i>	<b>Autoras(es)/Local da Publicação/Ano</b>
Indígenas na Universidade: uma comunidade criativa de práticas em Design colaborativo	Ana Luisa Boavista Lustosa Cavalcante, Natalia Maria Devergenes. Revista Estudos em Design. 2020.
O design lento na prática colaborativa de design de moda com mulheres artistas Kaingang: tensões a partir da perspectiva decolonial	Miruna Raimundi de Gois, Daniela Novelli. Revista d[O]bras.2024
Povos tradicionais e artesanato com espécies vegetais: práticas em comunidades ao entorno da Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável Veredas do Acari – Minas Gerais	Nadja Maria Mourão, Rita de Castro Engler, Rosilene Conceição Maciel, Ana Célia Carneiro Oliveira. Revista Brazilian Journal of Development. 2021.
<b>"co design" "arte" "indígenas"</b> <i>(96 totais; 1 correspondente ao objetivo da pesquisa)</i>	<b>Autoras(es)/Local da Publicação/Ano</b>
Ferramentas e métodos de Design Participativo para atuação em comunidades tradicionais	Geislayne Mendonça Silva, Claudete Catanhede do Nascimento, Kátia Andréa Carvalhaes Pêgo, Gean dos Santos Dantas. Revista Projética. 2023.
<b>"design participativo" "arte" "indígenas"</b> <i>(96 totais; 0 correspondente ao objetivo da pesquisa)</i>	<b>Autoras(es)/Local da Publicação/Ano</b>
<i>Não se aplicam aos objetivos da pesquisa</i>	
<b>"design colaborativo" e "arte" e "indígenas"</b> <i>(40 totais; 3 correspondentes ao objetivo da pesquisa)</i>	<b>Autoras(es)/Local da Publicação/Ano</b>
Ecodecolonização do design brasileiro através da valoração cultural e ancestralidade	Junior de Jesus Costa, Rodrigo Antônio Cezário. Editora Científica. 2023.
O Bem Viver e perspectivas para o design sustentável	Julia Teles da Silva. DAT Journal. 2021.
Empreendedorismo de impacto social: o design thinking e a valorização do conhecimento tradicional	Bárbara Fonseca Pinheiro Leão Tapajós. Dissertação Universidade Federal do Oeste do Pará. 2022.
<b>"co design" "artesanato" "indígenas"</b> <i>(26 totais; 1 correspondente ao objetivo da pesquisa)</i>	<b>Autoras(es)/Local da Publicação/Ano</b>
Ferramentas e métodos de Design Participativo para atuação em comunidades tradicionais	<i>Resultado repetido</i>
<b>"design social" "artesanato" "indígenas"</b> <i>(72 totais; 2 correspondentes ao objetivo da pesquisa)</i>	<b>Autoras(es)/Local da Publicação/Ano</b>
Contribuições do Design Social para a valorização da cultura artesanal indígena Kaingang do Oeste de Santa Catarina	Daniela Novelli, Icléia Silveira, Lucas Da Rosa, Miruna Raimundi De Gois. Revista Projética. 2021.
Indígena é indígena em qualquer lugar : design ativista para a resistência indígena em contexto urbano	Taís Aline Baptista Salomão. TCC Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2021.
<b>"design participativo" "artesanato" "indígenas"</b> <i>(62 totais; 1 correspondente ao objetivo da pesquisa)</i>	<b>Autoras(es)/Local da Publicação/Ano</b>
Ferramentas e métodos de Design Participativo para atuação em comunidades tradicionais	<i>Resultado repetido</i>
<b>"design colaborativo" "artesanato" "indígenas"</b> <i>(26 totais; 1 correspondente ao objetivo da pesquisa)</i>	<b>Autoras(es)/Local da Publicação/Ano</b>
O design lento na prática colaborativa de design de moda com mulheres artistas Kaingang: tensões a partir da perspectiva decolonial	<i>Resultado repetido</i>

Fonte: A autora (2024)

Chegou-se portanto a 12 resultados, um número pequeno considerando o resultado total de pesquisas sinalizadas. Os dados no quadro mostram que a autoria dos trabalhos é majoritariamente de mulheres, o que pode levantar questões de gênero sobre quais cientistas estão se engajando nesse tipo de pesquisa. Há apenas uma pesquisa da região norte do Brasil, os outros resultados são publicações das regiões sul ou sudeste. Levando em consideração os trabalhos repetidos nota-se também que o conceito de arte e artesanato indígena se mesclam, o mesmo acontece com os termos Co Design e Design Colaborativo. E ainda, que o termo “Design Social” segue como tópico conceitual para ações participativas.

Os trabalhos encontrados nesse primeiro momento foram lidos de forma mais aprofundada, levando a conclusão de que apenas três produções se encaixavam por completo nos requisitos da pesquisa, ou seja, ações que foram realizadas junto com pessoas indígenas, projetando em conjunto, foram eles: “Indígenas na Universidade...”, “O design lento...” e “Indígena é indígena em qualquer lugar”, elas serão melhor analisadas a seguir.

A primeira pesquisa, de Cavalcante e Devergenes, é um artigo científico da revista Estudos em Design, do Rio de Janeiro, publicado em 2020. No quadro abaixo é possível ver o objetivo principal das atividades propostas, os conceitos de Design aplicados e o método utilizado para desenvolver as ações.

Quadro 2 - Primeira pesquisa encontrada

Indígenas na Universidade: uma comunidade criativa de práticas em Design colaborativo		
Ana Luisa Boavista Lustosa Cavalcante, Natalia Maria Devergenes. Revista Estudos em Design. Rio de Janeiro. 2020.		
Objetivo	Conceitos de Design aplicados	Métodos das atividades
Propor oficinas de Design entre indígenas e não-indígenas da Universidade Estadual de Londrina e criar visibilidade cultural para os estudantes indígenas no meio universitário	Design Social (Papanek, 1971), (Bonsiepe, 2015), (Manzini, 2008) e (Margolin e Margolin, 2002); Design para a sustentabilidade social (Cavalcante e Devergenes, 2020); Comunidades criativas (Manzini, 2008); Comunidades de prática (Wenger, 1998)	Dois dias de oficinas colaborativas para aprender sobre grafismos indígenas, desenhar grafismos em conjunto (alunos indígenas e não indígenas) e imprimi-los em produtos têxteis

Fonte: A autora (2024)

As autoras comentam sobre a dificuldade de permanência e integração dos estudantes indígenas no meio universitário, e consideram que as atividades podem contribuir para a criação de articulações que contribuam para diminuir esses obstáculos.

Os conceitos ativados para realizar a atividade colaborativa foram os de Design Social trabalhados por Papanek (1971), Bonsiepe (2015)<sup>6</sup> e Manzini (2008)<sup>7</sup> que, como mencionado anteriormente, criticavam o paradigma modernista no Design, chamando atenção para problemas estruturais e sistêmicos do meio ambiente e da sociedade. Estudos posteriores de Margolin e Margolin (2002)<sup>8</sup> sobre o tema passaram a tratar temáticas ainda mais urgentes como a fome, a pobreza e a desigualdade social, as autoras consideram que apenas o conceito de “Design Social” não daria conta da complexidade do tema tratado, e por isso optam pelo termo “Design para a

<sup>6</sup> BONSIPE, Gui. Sobre Design e Política. In: \_\_\_\_\_. Do material ao Imaterial. São Paulo: Blucher, 2015.

<sup>7</sup> MANZINI, Enzo. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

<sup>8</sup> MARGOLIN, Victor; MARGOLIN, Sylvia. A “Social Model” of Design: Issues of Practice and Research. Design Issues, [s.l.], v. 18, n. 4, p.24-30, out. 2002. MIT Press - Journals. <http://dx.doi.org/10.1162/074793602320827406>.

sustentabilidade social”.

Cavalcante e Devergenes (2020) seguem introduzindo a ideia de Comunidades Criativas de Manzini (2008). Focado em ações locais ao invés de generalistas, o autor discute a importância de criar espaços de práticas criativas conjuntas com intuito de atender demandas próprias e quebrar com modelos dominantes atrelados à cultura capitalista.

Indo além, as autoras apresentam o conceito de Comunidades Práticas, de Wenger (1998)<sup>9</sup>. Exposto como uma estruturação para a ideia de Comunidades Criativas de Manzini (2008), as Comunidades Práticas estariam apoiadas em quatro principais pilares: prática (atividade consciente em conjunto que gera significados); Sentido (trocas entre atores sociais, gerando padrões); Identidade (Construção mútua, negociação dos sentidos), e comunidade (interação entre os atores por longo período). De acordo com Wenger, o design de artefatos dentro do contexto das Comunidades de Práticas, que age em função de um objetivo construído por meio de negociações, se configura como um objeto de conexões (Wenger, 1998 APUD Cavalcante e Devergenes, 2020). Considerando os conceitos apresentados, as autoras comentam:

Compreende-se o acontecimento desta oficina, com seus diversos agentes envolvidos, um momento de sobreposições de práticas, em que dois agentes sociais carregados de história, identidade e uma prática definida, se uniram em uma instituição para trocar conhecimentos, histórias e experiências em torno de uma prática. Esse cenário pode ser lido como um pontapé para a formação de outra comunidade de prática, mista, entre os estudantes indígenas da Universidade e os demais estudantes de outras identidades sociais: professores, servidores e alunos de diversas áreas do conhecimento (CAVALCANTE E DEVERGENES, p. 164, 2020).

A respeito das considerações finais, as autoras acreditam que as atividades realizadas se configuram como “comunidades práticas em potencial”, e que a troca entre os envolvidos geraram resultados positivos, sendo trabalhadas soluções criativas para criar os artefatos, gerando trocas de conhecimentos, valorização das culturas indígenas e também servindo como geração de renda, já que os produtos puderam ser vendidos posteriormente. Por fim, Cavalcante e Devergenes (2020), consideram que a experiência pode ser vista como uma contribuição para o campo do design para a sustentabilidade social e chamam atenção para a necessidade de aumentar a produção de trabalhos críticos de design, considerando os impactos sociais a nível estrutural e sistêmico.

A próxima pesquisa encontrada é também um artigo científico, escrito por Miruna Raimundi de Gois e Daniela Novelli, e publicado na revista d[O]bras, São Paulo, em 2024.

Quadro 3 - Segunda pesquisa encontrada

O design lento na prática colaborativa de design de moda com mulheres artistas Kaingang: tensões a partir da perspectiva decolonial		
Miruna Raimundi de Gois, Daniela Novelli. Revista d[O]bras.2024		
Objetivo	Conceitos de Design aplicados	Métodos das atividades
Confeccionar produto(s) de moda por meio da prática colaborativa de design protagonizada por artistas Kaingang	Design Lento (Strauss e Fuad-Luke, 2008)	Apresentação de painel visual às artistas Kaingang; Escolha de modelo a ser produzido; Confeccção das amostras/testes práticos; Impressão individual dos modelos do painel visual para que pudessem ser distribuídos e produzidos posteriormente; Realização individual do processo criativo intuitivo
Fonte: A autora (2024)		

<sup>9</sup>WENGER, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511803932>

Gois e Novelli (2024) trabalharam com indígenas da etnia Kaingang, indivíduos pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê<sup>10</sup> que habitam em vários municípios ao longo de Santa Catarina, a pesquisa foi realizada junto a artistas Kaingang na associação Kamé Kanhrú que fica na aldeia Kondá, em Chapecó.

O conceito de design utilizado foi o *slow design*, traduzido para Design Lento de Strauss e Fuad-Luke (2008)<sup>11</sup>, perspectiva que foca na produção local, colaboração e redistribuição de renda com o intuito de estimular práticas sustentáveis que visam o bem estar dos indivíduos e maior igualdade social diante dos efeitos da industrialização acelerada da atualidade (Gois e Novelli, 2024).

As autoras consideram que o design lento se configura como prática intercultural na qual diversas culturas interagem em processos de ensino-aprendizagem. Reforçam ainda, a importância de assumir um posicionamento decolonial e se questionar quais culturas estão frequentemente em posição de “aprender” e quais estão em posição de “ensinar”, o designer que atua com comunidades tradicionais precisa se questionar sobre o lugar que ocupa, compreendendo que sua posição não é de centralidade, mas sim de mediação, isso permitirá encontrar melhores abordagens e estratégias para desenvolver seu trabalho.

O passo a passo de construção das atividades está bem detalhado no artigo, aqui considera-se importante apresentar a maneira que os princípios do Design Lento foram aplicados, como consta no quadro a seguir realizada pelas autoras:

Quadro 4 - Abordagem participativa no design lento segundo Gois e Novelli (2024)

Princípios Design Lento	O que?	Porque?	Como?
REVELAR	Ouvir relatos, fotos, vídeos, conversas	Compreender pessoas, materiais, artefatos, processos e significados	Entrevista semiestruturada
EXPANDIR	Estudos de caso/Estado da arte	Relacionar a prática com a teoria	Pesquisa bibliográfica
REFLETIR	Processo organizacional do designer; Percepção da materialidade	Consumidores, clientes, usuários	Pesquisa de mercado (catálogo de referência) e diário de campo
ENGAJAR	Cocriar; colaborar; Criatividade coletiva; designer como facilitador	Desenvolver o processo criativo e o produto final com os indígenas Kaingang	Grupo focal; Painel visual criativo; Processo artesanal intuitivo
EVOLUIR	Processo reflexivo do designer; transformações positivas; mudança social e econômica	Refletir sobre os processos adotados e as possíveis transformações sociais e econômicas	Diário de Campo

Fonte: Gois e Novelli (2024)

<sup>10</sup> Para saber mais sobre os troncos linguísticos das etnias indígenas brasileiras, acesse: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>

<sup>11</sup> STRAUSS, Carolyn F.; FUAD-LUKE, Alastair. The slow design principles: a new interrogative and reflexive tool for design research and practice. In: Changing the change: design visions, proposal and tools. Torino, 2008.

O Design Lento se apoia em seis ferramentas norteadoras, carregadas de valores e práticas: revelar (enxergar as produções do local em níveis materiais e imateriais), expandir (pensar sobre o potencial das produções), refletir (incentivar a observação e reflexão sobre as produções), engajar (processos são abertos e colaborativos), participar (incentivo à participação para estimular a autonomia) e evoluir (agir como catalisador de mudanças nas formas de organização, produção e pensamento) (Strauss e Fuad-Luke, 2008 APUD Gois e Novelli, 2024).

Muitas vezes, apesar do desejo de trabalhar junto a povos originários de forma que seja positiva para todas as partes envolvidas, há grande dificuldade em adaptar conceitos produzidos em contextos bem diferentes, geralmente em território europeu ou norte americano, aos que se tenta aplicar, as pesquisadoras contribuem fortemente para uma aplicação prática dessa experiência.

As autoras concluem que a pesquisa foi permeada de tensões: dificuldade de comunicação pela falta de conhecimento das pesquisadoras da língua materna Kaingang, situação que exigiu tradução de uma artista indígenas bilíngue; Adaptação dos conceitos de Design Lento quando as artistas indígenas já praticam formas de produção desaceleradas; As implicações contidas em pensar formas de adaptar a produção indígena a modelos de consumo efêmeros para consumidores não indígenas; e a “troca de posições” nas quais as designers se tornam aprendizes pois as artistas Kaingangs já possuem suas formas de produção.

Apesar das dificuldades, Gois e Novelli (2024) ressaltam a falta de literatura sobre produções decoloniais junto a povos originários no campo do design de moda, e finalizam incentivando que mais pesquisas sobre o tema sejam realizadas.

A última pesquisa encontrada foi o Trabalho de Conclusão de Curso escrito por Taís Aline Baptista Salomão, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2021.

Quadro 5 - terceira pesquisa encontrada

<b>Indígena é indígena em qualquer lugar : design ativista para a resistência indígena em contexto urbano</b>		
Taís Aline Baptista Salomão. TCC Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2021.		
<b>Objetivo</b>	<b>Conceitos de Design aplicados</b>	<b>Métodos das atividades</b>
Fazer intervenção urbana sob abordagem de design ativista com produção de um conjunto de peças gráfica e digital	Design Social; Design ativista (Venturelli, 2020)	Reuniões de cocriação para desenvolvimento de peças gráficas para o uso em intervenções urbanas com produção de: lambes, adesivos, cards para a internet e projeções

Fonte: A autora (2024)

Salomão trabalhou com pessoas indígenas do Centro de Referência Indígena Afro do Rio Grande do Sul (CRIARS), o intuito foi produzir, por meio de ações colaborativas, um projeto de design visual para estimular a sensação de pertencimento dos indígenas-afro em contexto urbano, depois expô-las em meio digital e em forma de intervenções urbanas, com lambes e projeções de vídeo.

Os conceitos utilizados foram o Design Social e o Design Ativista, para o primeiro foram acionados os autores Papanek (1971) e Bonsiepe (2015), assim como na pesquisa de Cavalcante e Devergenes (2020), discutindo a necessidade de pensar criticamente sobre as produções, relações e posicionamentos assumidos no agir do designer. Sobre o design ativista, a autora cita Venturelli

(2020)<sup>12</sup> e afirma que é uma maneira de se posicionar ativamente na sociedade, gerando criações que contestem a ordem e o sistema político estabelecido.

Por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso a metodologia foi tratada de forma extensa no texto, destaca-se aqui que houve um longo trabalho de pré-concepção, concepção e pós concepção, a partir do pensamento de vários autores, são eles: Bonsiepe (1984)<sup>13</sup>, IDEO (2013)<sup>14</sup>, Lobach (2001)<sup>15</sup>, Pronadov e Freitas (2013)<sup>16</sup> e Santos (2015)<sup>17</sup>. A pré concepção envolveu pesquisa bibliográfica, coleta de dados por meio de entrevistas e delimitação do projeto; A concepção foi o momento de realizar as reuniões de cocriação do material, nelas foram discutidas questões levantadas no período de pré concepção, definidas as frases de ativação e a produção dos materiais visuais; A pós concepção envolveu a impressão e aplicação dos materiais e também feedback dos indígenas envolvidos na ação.

Nas considerações finais Salomão (2021) destaca a importância da parte exploratória da pesquisa e também a dificuldade para encontrar material e agendar o encontro para realizar as atividades no CRIARS. Também, a autora apresenta discussão sobre a própria ascendência indígena, um dos motivos que a levou a realizar a pesquisa, e afirma que os resultados das atividades foram positivos, podendo contribuir para ações do Abril Indígena na instituição.

#### 4 Conclusão

Apesar do expressivo crescimento de discussões acadêmicas sobre os povos indígenas nos últimos anos, no campo do design essas pesquisas ainda aparecem em pequeno número, como explicitado pela quantidade de resultados e nas considerações finais dos textos estudados, precisa-se de mais literatura e de mais pessoas atuando junto aos povos indígenas.

Quanto às áreas onde aconteceram, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, reforça-se a necessidade de trabalhos voltados para a região norte e nordeste, onde há expressivo número de populações originárias. Os trabalhos mostram que a interculturalidade não é simples, ela acontece através de tentativa e erros, guiada pelo desejo de pensar outros designs possíveis. A língua, a distância e a dificuldade de contato foram alguns dos exemplos apresentados, também, a complexidade ao adaptar-se termos do design, construídos em contexto capitalista e estrangeiro, à realidade dos povos originários, experiência que muitas vezes põe em cheque crenças baseadas no mundo acadêmico.

Os povos tradicionais foram subjugados desde a invasão dos europeus, o profissional designer que opta por trabalhar junto a povos indígenas, contribuindo para geração de renda e autonomia destes, acrescenta forças para uma série de movimentos que almejam uma reparação

---

<sup>12</sup> VENTURELLI, Suzete. Intervenção urbana: a experiência política ativista com arte, design e arquitetura. 2019. In: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UnB. V.18, nº 2/ julho-dezembro de 2019. Brasília.

<sup>13</sup> BONSIPE, Gui. Metodologia Experimental - Desenho Industrial. Brasília: CNPq/ Coordenação Editorial, 1984.

<sup>14</sup> IDEO. Design Kit. [2021]. Disponível: <https://www.designkit.org/>

<sup>15</sup> LÖBACH, Bernd. Design Industrial. Base para a configuração dos produtos industriais. Tradução: Freddy Van Camp. São Paulo: Blücher. 2001.

<sup>16</sup> PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale. 2015.

<sup>17</sup> SANTOS, Flávio Anthero Nunes Vianna dos. MD3E (Método De Desdobramento Em 3 Etapas): Uma Proposta De Método Aberto de Projeto para Uso no Ensino de Design Industrial. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina. 2005

histórica, não se pode apagar o passado por isso é de extrema importância pensar o que é possível fazer hoje.

Completamente contrário a ideia do(a) salvador(a), trabalhar com povos indígenas e outras comunidades tradicionais quer dizer aprendizado, é descobrir histórias de força, criatividade, resistência e muita inteligência que mantiveram pessoas vivas mesmo em meio a tamanha opressão. No fim, se há alguém para se salvar, é o acadêmico, o designer, oprimido em seu meio, buscando formas de se reconectar com o mundo, com o que faz sentido, buscando forças e formas de resistir e lutar, uma série de conhecimentos que se mantêm vivos na coletividade dos povos originários.

## 5 Referências

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo. 2012.

ESCOBAR, A. **Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Illustrated ed. Durham e Londres: Duke University Press Books, 2018.

GAUDIO, Chiara del. **DESIGN PARTICIPATIVO E INOVAÇÃO SOCIAL: A INFLUÊNCIA DOS FATORES CONTEXTUAIS**. 2014. 342 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Puc-Rio, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.37115>. Acesso em: 19 jun. 2024.

JAENISCH, Damiana Bregalda. **Objetos-sujeitos: a arte kaingang como materialização de relações**. p. 41-55. In *Objetos-sujeitos: a arte kaingang como materialização de relações*. FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas; FARIAS, João Maurício. (Orgs.). Porto Alegre: FUNAI/CR Passo Fundo/CTL Porto Alegre /Editora Deriva, 2011.

KELLER, Paulo F. **Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo**. Etnografias do Capitalismo - 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal, 2014.

MANZINI, Ezio. **Design: quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social**. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

NORONHA, Raquel. **Especulações sobre relações de poder nas práticas de design: reconstruindo os mundos por vir**. *Arcos Design, [S. l.]*, v. 16, n. 1 (Suplemento), p. 87-108, 2023. DOI: 10.12957/arcosdesign.2023.79234. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/79234>. Acesso em: 19 jun. 2024.

PAES, Larisa; ANASTASSAKIS, Zoy ; "REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS COLABORATIVOS DE DESIGN", p. 936-946 . In: **Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [= Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2]**. São Paulo: Blucher, 2016.ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/despro-ped2016-0080

SILVA, Cristhian Teófilo da. **Capitalismo dependente e empobrecimento indígena no Brasil ruralista**. Albuquerque: Revista de História, Brasília, v. 10, n. 20, dez. 2018.

SAMPAIO, RF ; MANCINI, MC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

TOMMASINO, Kimiye. **A história dos Kaingáng da bacia do Tibagi: uma sociedade Jê meridional em movimento**. 1995. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.